

OUTUBRO 2021

RADAR SOCIOAMBIENTAL

ENTREVISTA COM
ANA CAROLINA AMARAL



PLATAFORMA
SOCIOAMBIENTAL

Autoras: Carolina Alves, Maria Beatriz
Peixoto Mello e Priscilla Papagiannis
Coordenação: Maureen Santos
Plataforma Socioambiental

SOBRE A PLATAFORMA SOCIOAMBIENTAL

A Plataforma Socioambiental é um núcleo de pesquisa do Brics Policy Center, *think tank* do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio. É um espaço de aprendizagem, disseminação de informação e troca de conhecimento. Seus projetos são dedicados à promoção de pesquisa, de análises críticas e de debates e diálogos que reúnam diferentes setores sobre temas como as principais convenções internacionais sobre meio ambiente, a governança policêntrica do clima e os atores subnacionais, bem como sobre justiça ambiental e climática. Visando a construção e a disseminação de conhecimento, a equipe da Plataforma produz materiais como o podcast Meio Descomplicado, cujos episódios abordam temas socioambientais, de abrangência nacional e internacional, de forma simples e direta; os informes do Radar Socioambiental; assim como policy briefings, fact sheets e papers sobre assuntos aos quais se dedica.

RADAR SOCIOAMBIENTAL


O Radar Socioambiental é uma publicação da Plataforma Socioambiental cujo foco é discutir assuntos importantes para a temática socioambiental nos âmbitos doméstico e internacional. Em sua 44ª edição, o Radar Socioambiental apresenta trechos da entrevista realizada com **Ana Carolina Amaral**, jornalista formada pela Unesp e mestre em Ciências Holísticas pelo Schumacher College, para o nono episódio do Meio Descomplicado, o podcast da Plataforma Socioambiental. Ana Carolina Amaral atua com questões ambientais e de sustentabilidade desde 2001 e cobriu conferências internacionais como a Rio+20 e as COPs do Clima da ONU, desde a Conferência de Paris (2015). Hoje, ela escreve para o jornal Folha de São Paulo, com o blog *Âmbiência*

POR QUE AMBIÊNCIA?

Plataforma Socioambiental: Seu blog na Folha se chama **Ambiência**. Por que esse nome e como você vê a importância desse espaço num jornal de grande circulação como a Folha de São Paulo?

Ana Carolina Amaral: O nome do blog é um trocadilho entre meio ambiente e ciência, mas ele é também um nome que a gente usa pouco no Brasil, que é a **Ambiência**. Significa meio ambiente, é um nome feminino para meio ambiente, e que vai além da descrição de meio ambiente como só um espaço físico ou como um lugar, se atenta para as qualidades do ambiente. É muito usado na arquitetura e também na saúde, para atentar as qualidades que dão conforto ou que dão uma atmosfera para um ambiente. E eu gosto muito de olhar para a nossa relação com o planeta, não só como o lugar, mas como um contexto inexorável da vida. Então na descrição do blog é "o que está em jogo na nossa relação com o planeta?". Eu acho que esse nome ajuda a prestar atenção nas relações com o espaço e na qualidade desses espaços. E o blog também, embora o nome puxe e lembre a ciência, ele tem uma cobertura muito voltada para a cobertura política, que eu acho que é uma coisa que cada vez mais num mundo em tão acelerada e complexa transformação, cada vez mais a cobertura política é definidora de rumos estruturais, estruturantes. Então, quando eu falo **Ambiência** eu também lembro do clima, da atmosfera, do que está rolando no jogo político, e nesses movimentos que vão definindo nosso futuro.

“Então, quando eu falo **Ambiência** eu também lembro do clima, da atmosfera, do que está rolando no jogo político, e nesses movimentos que vão definindo nosso futuro”




E a importância do espaço em um jornal como a Folha eu acho que é fundamental, eu sempre quis trabalhar com o público em geral. Meio ambiente ficou por muito tempo reservado para o público que já era especializado no assunto, que já acompanhava, que já entendia. E eu acho que o grande desafio da área ambiental é compartilhar essa pauta com a opinião pública, é levar para opinião pública o que realmente está em jogo quando a gente fala do futuro da civilização, da humanidade. Então para mim é super importante a gente levar isso para um jornal que é lido por todos os lados, por todos os setores da sociedade, é fundamental.

DESAFIOS DO JORNALISMO AMBIENTAL

Plataforma Socioambiental: Você falou agora sobre os desafios em discutir meio ambiente no Brasil, para você quais são os principais desafios para o jornalismo ambiental no Brasil, onde as questões ambientais são colocadas de lado e, principalmente nos últimos tempos, existe um fortalecimento do descrédito pela ciência?

Ana Carolina Amaral: Acho que são vários desafios, um deles é que o brasileiro ainda tem uma noção de que existe uma abundância de recursos naturais, um país abençoada pela sua natureza, com uma diversidade biológica imensa, com uma riqueza, uma riqueza de recursos que seriam infinitos, com a maior reserva de água doce do mundo, então eu acho que pra gente comunicar escassez de recursos, ameaça climática, num país que parece tão abundante e que é tão abundante, porém essa abundância não está distribuída. Existe muita profusão e também existe muita escassez, e eu acho que comunicar isso é difícil por conta dessa percepção de que a natureza aqui com a gente é generosa e vai continuar sendo generosa.



“ E quando a gente olha para o Brasil em comparação com outros países a gente tem uma vantagem natural muito grande, então fica difícil enxergar no meio dessa abundância as vulnerabilidades ”

Ana Carolina Amaral: E quando a gente olha para o Brasil em comparação com outros países a gente tem uma vantagem natural muito grande, então fica difícil enxergar no meio dessa abundância as vulnerabilidades. Em mudança climática isso é evidente, o Brasil não tem se atentado, se preparado para lidar com as mudanças climáticas, para criar infraestrutura de adaptação nas cidades, ainda existe uma percepção equivocada de que o Brasil não é vulnerável às mudanças climáticas.

Uma outra dificuldade tem relação com essa percepção dicotômica que meio ambiente e conservação ambiental seriam opostos ao progresso econômico, ao crescimento econômico. Esse debate que coloca uma falsa oposição entre conservação e produção econômica também gera uma dificuldade porque cria uma hierarquia equivocada em que o meio ambiente não seria uma prioridade, a gente teria que tratar disso depois de resolver os problemas mais urgentes. Então primeiro precisaria resolver a questão econômica, a questão da desigualdade social e aí depois a gente faz uma limpeza, como se a questão ambiental fosse um mero ajuste técnico para ser feito depois da gente já ter um desenvolvimento andando. Quando, na verdade, a questão ambiental coloca em xeque justamente esse modelo de desenvolvimento que a gente escolheu e convida a uma revisão para um modelo mais sustentável, e quando a gente consegue olhar dessa forma para a questão ambiental, como uma questão de modelo de desenvolvimento, aí todas as outras questões se encaixam.

“ (...) a questão ambiental coloca em xeque justamente esse modelo de desenvolvimento que a gente escolheu e convida a uma revisão para um modelo mais sustentável, e quando a gente consegue olhar dessa forma para a questão ambiental, como uma questão de modelo de desenvolvimento, aí todas as outras questões se encaixam ”

Ana Carolina Amaral: É aí que a gente começa a entender que combater a desigualdade social, gerar crescimento econômico, tudo isso está encaixado dentro de um modelo que precisa fazer sentido dentro do planeta terra, essas questões não são hierarquizadas, elas estão encaixadas em uma mesma questão. E quando a gente acerta a questão, acerta o calibre, calibre bem o foco dessa pergunta que a gente precisa se fazer sobre o desenvolvimento, todas elas se organizam em um mesmo rumo.

Todas essas questões que eu coloquei são questões de percepção, de como a gente olha para a questão ambiental, e foi isso que me levou a fazer esse mestrado em Ciências Holísticas, porque eu estava cobrindo a Rio +20, que aconteceu no Rio de Janeiro em 2012, ainda pela TV Brasil, com a sensação de que a gente está há 20 anos falando da mesma coisa, que é isso que a Rio +20 significa né, a gente está há 20 anos falando da mesma coisa. Eu fiquei me perguntando o que estamos fazendo de errado na comunicação, a gente está há 20 anos comunicando uma crise e as coisas não mudam, me vem à cabeça aquela frase do Albert Einstein “A gente não pode resolver um problema com a mesma mentalidade que o criou”. Então eu fui estudar (...)

Ana Carolina Amaral: (...) esse curso por entender que ali nas Ciências Holísticas tinha uma abordagem científica que permitia investigar a realidade através de um pensamento complexo, sistêmico, que consegue encaixar essas questões e não separá-las em caixinhas, social, econômico e ambiental, olhar para a relação entre elas e permitir que a gente discuta desenvolvimento como um todo. Eu acho que é isso que a gente precisa fazer, precisa calibrar melhor as lentes, para começar a entender que a gente faz parte de um todo no planeta e todas as nossas decisões estão pautadas por esse contexto.

MOMENTOS MARCANTES NA COBERTURA JORNALÍSTICA

Plataforma Socioambiental: Como você mencionou Ana Carolina, o governo brasileiro tem se apoiado bastante na lógica dessa dicotomia de que o desenvolvimento é oposto ao meio ambiente, e que a economia deve ser priorizada. E ao longo desses últimos quase três anos de Governo Bolsonaro, qual foi o tema ambiental que mais te marcou durante uma cobertura jornalística?

Ana Carolina Amaral: É muito interessante pois esse governo tem três momentos marcantes que vou tentar elencar.

Eu destacaria a crise das queimadas que a gente teve na metade de 2019, que gerou uma briga com o presidente francês Emmanuel Macron, com a União Europeia, e de início o presidente Bolsonaro dizia que não tinha aquela quantidade de queimadas, que o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) estava contaminado por comunistas, o que levou à demissão do Ricardo Galvão, então diretor do INPE, depois admitiu mas colocou a culpa nós ambientalistas.

Ana Carolina Amaral: A gente viu pela primeira vez na história, brasileiros de grandes cidades saindo às ruas em protestos pela conservação da Amazônia, uma coisa que nenhuma campanha ambientalista conseguiu na história, mobilizar todo o país pela conservação da Amazônia. Então ali teve o chamado, que a gente percebeu que a preocupação do cidadão brasileiro com a Amazônia existe, e ela só estava calada pois aparentemente havia alguém cuidando da história, e na hora que parece que ninguém está cuidando da história essa convocação da sociedade abraça a pauta acontece.

Aquele período foi muito interessante porque mostrou o nível da repercussão internacional, o nível da preocupação mundial com a Amazônia, o nível da preocupação dos brasileiros, o quanto o governo estava disposto a esticar essa corda, foi um momento revelador das forças que estavam em jogo. Até onde o governo esticou a corda, depois como ele começou a reparar. Não sei se vocês se recordam, mas naquela época o então Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles deu uma entrevista para o Roda Viva, a qual eu participei com jornalistas do Valor Econômico e do Estadão, e logo depois ele passou no hospital e foi trocado como porta-voz no assunto pelo Ministro da Defesa, e um pouquinho depois entrou o Conselho da Amazônia para cuidar daquela questão. Ali testou-se o limite do governo para lidar com a questão da conservação da Amazônia. Ali foi um momento importante da história do atrito do governo com as políticas ambientais.

“ *Então ali teve o chamado, que a gente percebeu que a preocupação do cidadão brasileiro com a Amazônia existe, e ela só estava calada pois aparentemente havia alguém cuidando da história, e na hora que parece que ninguém está cuidando da história essa convocação da sociedade abraça a pauta acontece* ”

Ana Carolina Amaral: Dois meses depois tem-se aquela acusação dos brigadistas voluntários que trabalhavam em Alter do Chão (PA) terem sido os causadores das queimadas na Amazônia. Esse foi o episódio mais importante que eu cobri nesse período, para mim pessoalmente foi o que mais me marcou, tanto por eu estar muito envolvida na cobertura, quanto pelo sintoma que trazia de uma ameaça democrática imediata.

Explicando melhor a história, o presidente Bolsonaro tinha dito em setembro de 2019 que as queimadas eram causadas por ambientalistas, na época foi motivo de riso, porque não dava para levar a sério o que ele estava falando, os apoiadores dentro do campo mais racional diziam para não prestar atenção, que era só para causar polêmica. O que aconteceu foi que dois meses depois a fala absurda que deveria causar riso ou desprezo, levou a uma prisão, a um inquérito da polícia civil acusando e prendendo brigadistas voluntários, por hipoteticamente terem causado os incêndios que eles estavam ajudando a apagar.

Nessa época eu consegui, no dia que saiu a prisão eu vi a cobertura da imprensa toda baseada apenas na declaração do delegado, porque era tudo que a imprensa tinha para trabalhar, então foi aquele jornalismo declaratório “segundo o delegado, há provas”, segundo o delegado os brigadistas tinham realmente problemas na sua forma de atuação. Mas não tinha ali o material da evidência realmente que teria levado a essa prisão. Eu fiquei buscando ao longo daquele dia o material, e consegui à noite o inquérito. Passei a madrugada lendo as mais de 300 páginas do inquérito, e no dia seguinte pela manhã eu publico no blog que o inquérito não tinha evidência de crimes. E aí, depois que a gente descobriu, a imprensa toda repercutiu o inquérito, aquele documento foi vazando para vários veículos, e realmente o que eles tinham eram escutas telefônicas e eles tiravam aquelas falas de contexto, para incriminá-los (os brigadistas).



Ana Carolina Amaral: Era uma armadilha muito evidente, coisa do tipo “olha, vai ter fogo no final de dezembro aqui” e aí os policiais usavam isso como uma evidência de que se eles sabiam que teria fogo em dezembro é porque eles estariam preparando o fogo, e não porque eles conhecem o ciclo de fogo da Amazônia. O que seria risível se não fosse uma acusação que teria levado a uma prisão, que durou dois dias, os brigadistas foram soltos na quinta-feira. O governador, Helder Barbalho, que tinha dito que não iria interferir na polícia, acabou trocando o delegado do caso, o Ministério Público Federal entrou também no dia seguinte e disse que aquela acusação não fazia sentido, que a suspeita era contra grileiros, e o caso virou muito rápido, pelo menos na cobertura nacional, na cobertura local ainda demorou um pouco para a situação ser esclarecida.

Mas ali foi um episódio que me marcou muito. Tanto por participar e ter conseguido o inquérito – e ter conseguido trazer essa falta de evidências, que ajudou a desmascarar o inquérito e a acusação –, quanto por ficar muitíssimo preocupada (em um nível que eu ainda não tinha ficado) com o quanto esse absurdo risível vira uma acusação séria, vira uma perseguição séria.

“ [...] o que eles tinham eram escutas telefônicas e eles tiravam aquelas falas de contexto, para incriminá-los (os brigadistas). Era uma armadilha muito evidente, coisa do tipo “olha, vai ter fogo no final de dezembro aqui” e aí os policiais usavam isso como uma evidência de que se eles sabiam que teria fogo em dezembro é porque eles estariam preparando o fogo, e não porque eles conhecem o ciclo de fogo da Amazônia

”



Ana Carolina Amaral: Ali acho que a gente tocou um limite democrático do que poderia, se tivesse vingado, eu acho que poderia ter gerado uma série de outras perseguições que transformariam qualquer absurdo em uma prisão legítima do ponto de vista do governo, e aí acabaria o espaço democrático. Eu acho que teria se fechado muito mais rápido do que está se fechando.

Esse foi um momento muito marcante para mim, mas quando a gente olha para a cobertura ambiental como um todo, eu destacaria mais um momento que é o “vou passar a boiada”. A gente tem no início de 2020 a pandemia chegando e a resposta do governo... Além da resposta à pandemia propriamente dita que a gente está acompanhando agora com as revelações da CPI, a gente tem uma resposta ambiental escandalosa que é revelada naquela reunião interministerial de 22 de abril de 2020, em que o então Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, na pauta ambiental, sugere que a atenção da mídia voltada a pandemia seja aproveitada para que o governo passe a boiada, desregulamentando normas. E ali é o momento em que a gente vê a estratégia do desmonte sendo revelada com muita clareza, e a gente pôde comprovar mais depois.

A Folha de São Paulo fez uma parceria com o Política por Inteiro, que é um projeto que faz o monitoramento de tudo que é publicado pelo governo, e a gente levantou os dados da boiada passando. A gente conseguiu provar que nesse período aquela frase do ministro realmente se transformou em uma estratégia de governo e centenas de normas foram desregulamentadas neste período de março até julho. Então, acho que é mais um momento da gestão ambiental, ou da gestão antiambiental no Brasil, importante. A pandemia não ofuscou a pauta ambiental, pelo contrário, ela foi utilizada pelo governo para alavancar seu projeto antiambiental.

O mundo também não deixou de lado a questão ambiental para tratar da pandemia e isso eu achei muito interessante.



“ *A pandemia não ofuscou a pauta ambiental, pelo contrário, ela foi utilizada pelo governo para alavancar seu projeto antiambiental* ”

Ana Carolina Amaral: Como essa prioridade da agenda climática se manteve e a pandemia foi entendida pelos grandes líderes mundiais que estão com a agenda climática como prioridade? A pandemia foi entendida primeiro como um pequeno sintoma, uma pequena preparação do que pode ser a crise climática, e segundo como um freio na economia, que dá, de certa forma, oportunidade [d]a gente dar um rumo para uma recuperação verde. E aí saíram vários planos de recuperação verde, na Europa principalmente. Mas isso foi só para pontuar esse momento importante que a gente vê a pandemia conectada com a questão climática e ambiental.

PRESSÃO INTERNACIONAL SOBRE O BRASIL

Plataforma Socioambiental: Internacionalmente, o Brasil tem sido pressionado em virtude de suas antipolíticas ambientais, tendo sofrido alguns boicotes e ameaças de boicotes devido a políticas que foram aprovadas ou revogadas pelo governo. Ao longo de seu trabalho o quão efetivo você enxerga essa pressão externa, você se lembra de algum caso onde essa pressão teve efeito?

Ana Carolina Amaral: Eu acho que ela é efetiva sim. Ela não é definitiva, não é definidora, mas ela tem uma influência muito importante e eu consegui perceber isso em alguns (...)

Ana Carolina Amaral: (...) momentos da política brasileira. Principalmente no Congresso agora com a tramitação do vulgo "PL da Grilagem", que oficialmente chama PL da Regularização Fundiária, mas que inspira preocupação por conta da mudança do marco temporal, que permitiria novas ocupações, novas invasões de terra, sejam regulamentadas e também a falta de vistoria, o que tornaria o processo [de regularização fundiária] quase que automático. O mundo todo está muito preocupado com esse projeto. Ele foi aprovado na Câmara agora em agosto depois de mais de um ano de tramitação dessa última versão. Os deputados não conseguiram aprovar esse projeto desde maio de 2020 até agosto de 2021, ele foi pautado no plenário várias vezes porém não foi votado por falta de acordo.

O mundo ficou muito preocupado com esse projeto por ser um dos grandes vetores de desmatamento na Amazônia, a grilagem é hoje um dos grandes vetores de desmatamento. Ao longo deste último um ano e meio, eu recebi alertas de atores internacionais todas as vezes que esse projeto estava entrando em tramitação no plenário. Foi algo impressionante, o nível de atenção de investidores – não estou falando de ambientalistas, estou falando de investidores! –, de parlamentares europeus, que me mandavam no WhatsApp “você sabe que amanhã isso vai ser votado?”, para cobrir isso. Um nível de alerta digno de ativista que estaria em Brasília de plantão. Em algumas oportunidades eu produzi matérias mostrando essa preocupação, tanto do parlamento europeu quanto dos investidores, cartas de grandes empresas globais... foram diversas matérias. Em todos os episódios que aconteceram essas matérias eu recebi retornos dos deputados dizendo “olha essa matéria foi muito importante, isso repercutiu no Congresso”. Isso ajuda a mostrar para os deputados que o mundo está de olho aqui, que não é só o lobby que eles recebem no gabinete, mas é também uma atenção de quem acompanha muito bem através da imprensa.

Ana Carolina Amaral: Claro que teve outras pressões, outras influências também. Teve uma militância muito forte no Twitter envolvendo celebridades, o Brasil começou a entender um pouco melhor o que é a grilagem e se manifestar através do Twitter, e essa pressão também intimidou a aprovação do projeto. Claro que tinha também um racha ali na bancada ruralista, entre aqueles que queriam aprovar um projeto um pouco menos danoso e que pudesse ainda ter uma cara ambientalmente correta, e os que queriam passar daquele jeito já descaradamente estimulando a grilagem. Esse racha também impediu que não fosse aprovado antes. Mas passou em agosto, depois de várias tentativas, vários desgastes e agora vai para o Senado.

Eu mediei um debate com dois parlamentares o Deputado Aécio Neves e a Senadora Kátia Abreu [1], um seminário sobre meio ambiente com essas duas participações, o que eu acho que significa muito do ponto de vista de como os políticos brasileiros pragmáticos estão atentos à questão ambiental. A senadora [Kátia Abreu] falou assim “eu não mudei de camisa, eu mudei de estratégia, porque o que eu quero é aprovar o acordo entre a União Europeia e o Mercosul”. Quer dizer, se existe uma preocupação ambiental, ela quer se adequar a qual é essa demanda, qual é essa preocupação. Por uma questão muito pragmática ela quer fazer negócio. Ela disse também que o meio ambiente, a questão climática é a questão que vai pautar essa década até 2030, como a gente já teve outras décadas em que as questões internacionais foram pautadas com debate sobre armas nucleares, sobre tantas outras pautas. E agora a pauta é essa, é clima. Ela entende que essa é a pauta do momento e ela vai se adaptar a isso. Nesse debate, o deputado Aécio Neves também disse que a gente precisa entender que meio ambiente hoje é pauta de acesso a mercados.

[1] O seminário foi realizado pela Folha de São Paulo, no dia 22 de setembro de 2021. O debate completo pode ser visto no [canal da Folha, no Youtube](#).

Ana Carolina Amaral: Então é muito interessante como esses deputados muitíssimo pragmáticos estão entendendo [a questão ambiental e climática]. Diferente do governo, que não entende e que prefere criar uma teoria conspiratória de que o mundo todo está contra o Brasil, incluindo o Papa e a Madonna. Os políticos mais pragmáticos entendem o que está sendo negociado, o que está em jogo, a ponto da Kátia Abreu defender que tenha um reforço das políticas ambientais, no sentido de repressão a crimes ambientais, que tenha fiscalização para que esses índices de desmatamento sejam controlados.

“

Os políticos mais pragmáticos entendem o que está sendo negociado, o que está em jogo, a ponto da Kátia Abreu defender que tenha um reforço das políticas ambientais, no sentido de repressão a crimes ambientais, que tenha fiscalização para que esses índices de desmatamento sejam controlados

”

Eu acho que essa pressão externa é pragmática e ela fala com os pragmáticos aqui, ela tem um efeito. Embora a gente não tenha visto boicote propriamente dito, a gente viu uma coisa que também é muito importante: o desinvestimento nas empresas brasileiras, que também coloca em quarentena os investimentos na dívida pública brasileira. Tem dois fundos escandinavos que eu entrevistei no último ano, que falam disso muito claramente. Um é o Danske Bank, que cortou os investimentos na ADM, na Bunge e na Cargill (que são as três grandes exportadoras de soja no Brasil e no mundo) no início deste ano, por conta do desmatamento no Brasil. O diretor do fundo [de investimentos sustentáveis do Danske Bank] falou isso para mim na reportagem que a gente publicou em fevereiro de 2021, que ele entende que a questão do desmatamento no Brasil é muito mais uma questão de (...)


Ana Carolina Amaral: (...) política pública do governo federal do que é responsabilidade dessas empresas: "elas estão sujeitas a isso, elas estão vulneráveis quando participam desse processo, desse *pitch* de negócio, então a gente não quer se associar a esse risco". É um recado muito pragmático e prático. Não foi uma ameaça, foi já um desinvestimento [2].

Outro movimento importante é que o Nordea [3] colocou em quarentena os investimentos na dívida pública brasileira, e está considerando se vai desinvestir, se vai tirar dinheiro ou se vai manter em quarentena. Mas não colocou mais investimentos na dívida pública brasileira por entender que – e aí a frase é muito pragmática – “se o Brasil, se o país, tem um nível de destruição que pode daqui a 20 ou 30 anos tudo virar pó, isso pode sim ameaçar a capacidade do país de pagar a dívida”. Então, essa frase muito pragmática do diretor do Nordea mostra que eles entendem que existe mesmo um risco. Não é uma questão de imagem, de marketing, de princípio ou de ativismo, de militância... É uma questão pragmática, o investimento precisa ser seguro. Em tempos de mudanças climáticas, essas incertezas aumentam muito porque entram fatores que nunca estiveram na conta.

“ *Se o Brasil (...) tem um nível de destruição que pode daqui a 20 ou 30 anos tudo virar pó, isso pode sim ameaçar a capacidade do país de pagar a dívida* ”

[2] A matéria de Ana Carolina Amaral para a Folha de São Paulo, sobre o desinvestimento do Danske Bank, pode ser acessada [aqui](#).

[3] Nordea é um banco nórdico que deixou de adquirir títulos da dívida pública brasileira a partir de 2019, quando o governo Bolsonaro passou a flexibilizar as políticas de controle ambiental. Para mais informações, [leia a matéria de Ana Carolina Amaral](#), de 27 jan. 2021.



Ana Carolina Amaral: O setor financeiro está aprendendo a ampliar o contexto [de investimento], a colocar o planeta como parte do contexto – [o planeta] compondo essa conta como forças que agem sobre essas planilhas. São forças que mudam o rumo dos investimentos, o rumo dos retornos. Então, a gente deixa de ver meio ambiente como uma coisa física, parada, e começa a entender como uma força, um agente. E aí a conta muda, a gente precisa fazer gestão ambiental pensando em garantir a segurança das produções, a segurança do ambiente e da vida.

“ *O setor financeiro está aprendendo a ampliar o contexto [de investimento]. (...) Então, a gente deixa de ver meio ambiente como uma coisa física, parada, e começa a entender como uma força, um agente. E aí a conta muda, a gente precisa fazer gestão ambiental pensando em garantir a segurança das produções, a segurança do ambiente e da vida* ”

Esses recados pragmáticos, eu acho que eles já deixaram de ser ameaça. Eles já estão se consolidando, mesmo com uma retirada de investimentos, como uma negativa muito clara em relação ao acordo com a União Europeia, por exemplo. A Folha publicou há alguns meses uma declaração de uma parlamentar do Partido Verde alemão dizendo que não tem nenhuma chance do acordo com a União Europeia sair se o governo aprovar o vulgo PL da Grilagem. Então eu acho que já passou do nível de ameaça, já está acontecendo. O Brasil já está ficando isolado e perdendo a credibilidade.

“ (...) Já passou do nível de ameaça, já está acontecendo. O Brasil já está ficando isolado e perdendo a credibilidade ”

AMEAÇAS A JORNALISTAS AMBIENTAIS

Plataforma Socioambiental: Assim como defensores dos direitos humanos e povos e comunidades tradicionais, jornalistas ambientais também sofrem ameaças e violência em coberturas na área rural, especialmente quando promovem jornalismo investigativo. Você já sofreu alguma ameaça, e tem visto um acirramento maior nestes últimos anos. Na sua opinião quais seriam os caminhos para reduzir essa ameaça?

Ana Carolina Amaral: Eu nunca sofri, ou não que eu tenha percebido, porque eu sou muito distraída. Eu recebo muitas mensagens de *haters* na internet, mas isso está muito longe de ser alguma coisa que me faça sentir ameaçada. Estou em um lugar muito privilegiado também. Eu moro em São Paulo, durante a pandemia trabalhei de casa, então é uma condição de trabalho muito mais segura do que quem está em campo.

Os repórteres que estão em campo, principalmente os que são das regiões que estão reportando – que não é uma equipe que vai viajar visita um lugar e depois vai embora, mas é uma pessoa que é dali, que é fácil de achar onde mora, como vive... –, essas pessoas estão extremamente vulneráveis. Esses atores, esses ameaçadores, eles estão se sentindo muito mais a vontade, muito mais legitimados, para atuar, para intimidar... Eu vejo histórias dos meus colegas (...)

Ana Carolina Amaral: (...) o tempo todo, de ter um cuidado redobrado, de não usarem mídias sociais, de não publicar foto. E essa violência aumentou muito nesses últimos anos.

Eu acho que o caminho para reduzir isso é ter um ambiente mais democrático. A gente não tem nenhuma perspectiva nesse momento, nesse governo, para garantir essa segurança. Porque por mais que a gente tenha medidas e iniciativas de organizações não governamentais ou de organizações locais para criar um ambiente mais seguro, a gente tem o tempo todo uma mensagem política que vem lá do maior chefe da nação diretamente para um público que está se armando, que está conseguindo armas e que está se sentindo representado pelo Executivo federal. Essa mensagem chega direto para eles dizendo "vão em frente". É um ambiente muito preocupante mesmo e a única saída para isso é a gente entender que a democracia e a liberdade de imprensa são condicionantes de um modelo de desenvolvimento sustentável, de qualquer desenvolvimento. Isso precisa virar a nossa prioridade quando a gente discute a nossa escolha política, a nossa escolha eleitoral.

“ *É um ambiente muito preocupante mesmo e a única saída para isso é a gente entender que a democracia e a liberdade de imprensa são condicionantes de um modelo de desenvolvimento sustentável, de qualquer desenvolvimento. Isso precisa virar a nossa prioridade quando a gente discute a nossa escolha política, a nossa escolha eleitoral* ”

RADARES E ESTUDOS



Leia as publicações da Plataforma Socioambiental! Publicamos o terceiro estudo do Observatório dos Subnacionais, sobre as políticas ambientais e climáticas do Distrito Federal. Também publicamos mensalmente um novo Radar Socioambiental.

Clique na imagem para ter acesso a página da Plataforma no site do Brics Policy Center e as demais publicações.

PODCASTS



O 44º Radar Socioambiental apresenta trechos da entrevista realizada com a jornalista ambiental Ana Carolina Amaral para o Episódio 9 do Meio Descomplicado, o Podcast da Plataforma Socioambiental.

Clique na imagem para acessar esse e os outros episódios do Meio Descomplicado.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à Ana Carolina Amaral por aceitar o nosso convite para a entrevista, por ceder seu tempo e seu saber conosco.

Gostaríamos de agradecer também à Fundação Heinrich Böll Brasil pelo apoio concedido para a realização do Podcast e das publicações.

Por fim, demonstramos nosso agradecimento ao Thiago Corrêa, da Estopim Podcasts, pela assistência prestada ao Meio Descomplicado, o Podcast da Plataforma Socioambiental.



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

